



Decifrando Thiago de Mello para contar em versos a liberdade de um povo*

Moacir dos Santos da Silva**

Resumo

A análise interpretativa do poema “Os Estatutos do homem”, de Thiago de Mello e o Artigo 5º da Constituição Federal e seus Incisos I, III, IV, VIII, IX e X foram os fios condutores do trabalho elaborado em grupo pelos alunos de 9º ano, da escola Alfa, no município de Macaé. As obras serviram para dar suporte visando à produção de um texto literário em sala de aula, com audiovisual, agregando imagem e música, discutindo-se ainda a palavra “liberdade”; selecionando especificidades inerentes ao termo, com autonomia e espírito criativo. Na ação de expressar-se em verso, o aluno é convidado a aproximar e intercalar som (música), imagem, silêncio e palavra na obra.

Palavras-chave: homem, liberdade, audiovisual.

1 Introdução

A linguagem humana é de fundamental importância para as interações. Através da fala, dos gestos, da música, do silêncio e das variadas expressões cotidianas, o homem consolida o seu caráter e se posiciona enquanto locutor/interlocutor do discurso. Segundo Ralph Waldo Emerson (1803-1882), o homem é apenas metade de si mesmo, a outra metade é a sua expressão.

É de acordo com essa reflexão que toda a abordagem metodológica foi embasada e desenvolvida. E ainda para ratificar a assertiva, em algumas sondagens

* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido sob a orientação de Eliana Crispim Luquetti.

** Graduado em Letras, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé, Aluno Especial no curso de Mestrado em Cognição e Linguagem, UENF. Professor das Redes Municipal de Macaé e Estadual do Rio de Janeiro. E-mail: moacir.cap@gmail.com

feitas aos alunos, em relação ao pouco interesse pela poesia e consecutivamente pela escrita de texto, ficou muito evidente que eles querem expressar-se sim, mas como protagonistas, a seu modo, do seu jeito, inserindo o que lhes for conveniente.

Na elaboração do trabalho, houve consultas a alguns especialistas para justificar e consolidar o assunto discutido. Assim, procurou-se compreender o conceito de texto a partir da ótica de Koch (1997), que apregoa o seguinte:

Assim, pode-se verificar que, desde as origens da Língua do Texto até nossos dias, o texto foi visto de diferentes formas. Em um primeiro momento, foi concebido como: a) unidade linguística (do sistema) superior à frase; b) sucessão ou combinação de frases; c) cadeia de pronominalizações ininterruptas; d) cadeia de isotopias; e) complexo de suposições semânticas. Já no interior de orientações de natureza pragmática, o texto passa a ser encarado, pelas teorias acionais, como uma sequência de atos de fala; pelas vertentes cognitivas, como fenômeno primariamente psíquico, resultado, portanto, de processos mentais; e pelas orientações que adotam por pressuposto a teoria da atividade comunicativa, como partes de atividades mais globais de comunicação, que vão muito além do texto em si, já que este constitui apenas uma fase deste processo legal. Desta forma, o texto deixa de ser entendido como uma estrutura acabada, passando a ser abordado no próprio processo de seu planejamento, verbalização e construção. (KOCH, 1997 – artigo: O texto: Construção de sentidos).

Leyla Perrone-Moisés, em sua obra “Fernando Pessoa – Aquém do eu, além do outro” (1982) afirma que “A poesia é um saber com corpo, um saber musical, rastro ritmado de um sentir pensando.”. Essa consideração causou estranheza e encantamento, quando houve um direcionamento para a construção do trabalho. Então, algumas questões foram suscitadas: É possível falar-se do que não se sente? O que se sente é sempre expresso de forma imutável no curso do tempo/espço/história? E assim como Fernando Pessoa, finge-se sempre ou procura-se, por vezes a essência desse “eu” envolto em enigmas?

Nessa perspectiva intrigante e questionadora ainda ousou-se inserir a palavra liberdade. Como ela se consolida nas histórias?

2 Pressupostos teóricos sobre leitura/ escrita

A afirmação de que inteligência e conhecimento advêm de boas leituras é uma máxima hoje empregada por grande parte da sociedade e historicamente sempre justificou a necessidade de livros, revistas, artigos e textos na vida de crianças, jovens e adultos como implementadores e divisores de água na questão que envolve o saber e afasta de uma ignorância que tanto mal faz à sociedade, que por falta de habilidades tão

necessárias e básicas: leitura e escrita; posicionam-se à margem, precisam tanto de intercessores e tradutores, nem sempre fieis e devidamente éticos à causa.

Na verdade, essa viagem nem sempre inebria a todos, mas é extremamente necessário que todos tenham a oportunidade de saborear, mesmo que o gosto varie, de acordo com o paladar. A leitura não pode ser considerada apenas como um ato de decifrar, decodificar e juntar-se fonemas para a pronúncia de sons distintivos que acarretarão nos mais diversificados sentidos que distinguirão as “coisas” umas das outras. Isso até é necessário inicialmente, mas não só...

Urge a formação de cidadãos realmente autônomos, capazes de compreender plenamente um enunciado comunicativo e corresponder com suas ações ao que foi apresentado, exigido, proposto. Urge a continuidade de um diálogo coeso, de uma conversa fluida, com significados, ida, vinda e reflexão, com argumentações coerentes, caracterizando um verdadeiro ato de comunicação.

E ainda sobre o assunto, autores como Koch e Marcushi validam muito a interação e a bagagem cultural como facilitadores e fatores preponderantes na ação de ler, escrever e compreender. Koch (2007), por exemplo, explicita que “falar e escrever são formas diferentes de dizer e expressar significados construídos na linguagem e pela linguagem, dentro de uma situação interativa social”.

E em relação a essa produção autônoma, consistente e heterogênea, bem como a dualidade que envolve a leitura e a escrita, Marcushi (2007) nos apresenta a seguinte reflexão “falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação”.

Portanto, a questão aqui não é a de garantir uma efetividade do aprendizado com base exclusivamente na leitura ou na escrita e nem exaltar esta em detrimento daquela, mas ressaltar suas importâncias no processo, analisar alguns percalços que à luz de variados procedimentos, podem ser considerados facilitadores desse caminho e nos apropriando do que nos diz Levy (1996, p.46)

A escrita e a leitura trocam seus papéis. Todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido, já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso ou manifesta este ou aquele aspecto da reserva documental contribui para a redação, conclui momentaneamente uma escrita interminável. As costuras e remissões, os caminhos de sentido originais, que o leitor reinventa, podem ser incorporados à

estrutura mesma do corpus. A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita.

E hoje, muitas ações corroboram para a formação desse leitor comprometido, engajado e consciente perante a diversidade textual; os hipertextos podem ser mais sofisticados, enriquecidos pelas variadas formas de letras, imagens, dentre outros recursos. As mídias, principalmente as eletrônicas ventilam, dia a dia, novidades, e cada vez mais encantadoras. Cabe aos adultos, professores e educadores, dosar, selecionar e aplicar. E a medida precisa ser bem pensada e planejada para que, com a ação, a semente germine com a qualidade que sempre se espera.

3 Metodologia e procedimentos

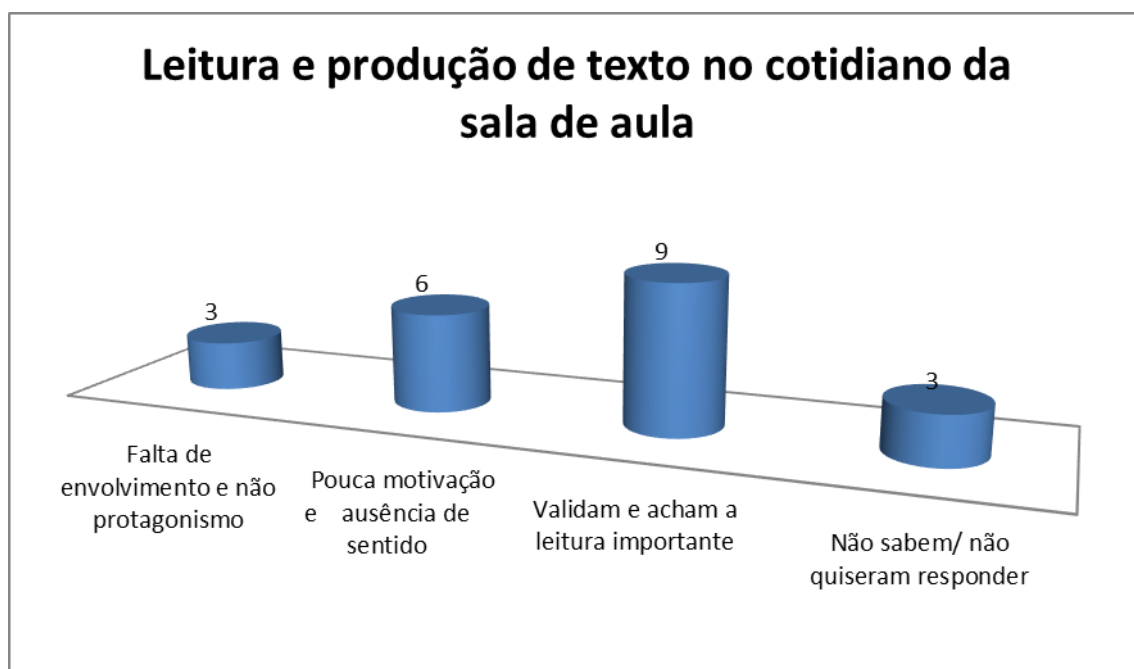
A produção partiu de afirmações básicas e elementares como as seguintes: aluno não sabe escrever e não gosta de poesia. A partir dessa condição, houve uma investigação na própria turma de 9º ano da escola Alfa, no município de Macaé.

Dentre alguns discursos explicitados pelos alunos, acerca do assunto, um foi bastante contundente, o do aluno “Francisco”: “Não gosto de escrever, porque não me sinto envolvido e nem posso ser protagonista”. As falas dos outros vinte alunos seguiram a mesma linha, podendo-se inserir falta de prazer, pouca motivação, descontextualização e ausência de sentido. Esses comentários e pontos de vista foram preponderantes na elaboração de um trabalho diferenciado e, depois de pesquisas em determinados suportes teóricos, houve mais segurança e embasamento, é como apregoa Luiz Antônio Marcushi:

(...) mais do que uma forma, a língua é uma *forma de ação* pela qual podemos agir fazendo coisas. Não se confunde com gramática, ortografia ou léxico. Em consequência, a língua se manifesta nos processos discursivos, no nível da enunciação, concretizando-se nos usos textuais mais variados. Não se dá na palavra isolada nem no enunciado solto. A língua é um *sistema simbólico* que pode significar muitas coisas, mas que não tem uma semântica imanente pronta nem plena autonomia significativa. (...) (MARCUSCHI, 2008:240).

Uma pesquisa feita com os alunos da turma possibilitou categorizá-la, de acordo com o gráfico abaixo. Na oportunidade, alguns questionamentos foram levantados acerca da compreensão do aluno em sala de aula e questões relativas ao envolvimento com a leitura, além da didática do professor e metodologia da escola, outras situações

foram abordadas e houve uma denúncia explícita, que pode ser estudada através da análise dos resultados.



De vinte e um alunos, apenas nove, ou seja, 42,85% por cento, validarem e acharem a leitura importante, há de se tomar alguma providência. Existe alguma lacuna a ser preenchida. O percentual que envolve a pouca motivação e ausência de sentido é também bastante considerável. Cabe uma reflexão e mudança de atitude, se for o caso.

Os quantitativos dos outros itens também são bastante significativos, representa um percentual que requer cuidado, zelo, envolvimento. Os três alunos que responderam não interessar-se por não se sentirem envolvidos e nem terem a função de protagonistas, representam 14,28%; os seis que disseram ser por falta de motivação e ausência de sentido, perfazem 28,57%; e os três que não sabem e não quiseram responder, 14,28%. O que se está fazendo em um espaço que visa à formação de protagonismo, de perpetuação de interação e de sentido, de “preparação” cognitiva e para a vida?

Depois de discutir as razões dos gostos ou não por leitura e poesia, houve a abordagem com o poema de Thiago de Mello: Os estatutos do homem. Os catorze artigos deveriam ser lidos da seguinte forma: um aluno lia um e outro seria escolhido, posteriormente, para fazer um comentário. E assim se fez até o final do texto.

Artigo 1

Fica decretado que agora vale a verdade.
Agora vale a vida, e de mãos dadas,
marcharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo 2

Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Artigo 3

Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas
para o verde onde cresce a esperança.

Artigo 4

Fica decretado que o homem não precisará
nunca mais duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento,
como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo único: o homem confiará no homem como um menino
confia em outro menino.

Artigo 5

Fica decretado que os homens estão livres do julgo da mentira.
Nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio nem armadura de
palavras.
O homem se sentará à mesa com seu olhar limpo
porque a verdade passará a ser servida antes da sobremesa. (...)
(THIAGO DE MELLO)

Esta etapa foi muito proveitosa, os alunos respeitosamente expuseram suas opiniões e ouviram as dos outros, questionaram até algumas organizações e linguagens literárias, mas acompanharam os esclarecimentos por outros colegas ou pelo professor, tornando dinâmica e um pouco mais extensa essa parte do trabalho.

Seguindo uma linha de trabalho parecida, fez-se a leitura do artigo 5º e dos seus incisos I, III, IV, VIII, IX e X e discutiram-se pontos relevantes a serem considerados acerca do conceito de liberdade a partir da Constituição Federal. No entanto, dessa vez o professor leu e organizou uma mesa redonda e pediu que o aluno que quisesse, fizesse uma análise crítica, exemplificando com fatos do cotidiano.

Art. 5º: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

I. Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações.

III. Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante.

IV. É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato.

VIII. Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.

IX. É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.

X. São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988)

Discutidos, polemizados e explicados artigo e incisos e suas possíveis ideias e interpretações, a próxima etapa foi um convite individual em que o aluno deveria desenvolver o seguinte questionamento: No decorrer da história, todos sempre puderam usufruir de liberdade plena?

Essa ação durou aproximadamente duas aulas de cinquenta minutos cada. No fim desse processo de construção, houve a correção ortográfica e análise da coesão e coerência pelo professor, que definiu com cada aluno as mudanças.

A última etapa foi a organização dos alunos em grupos para escolherem um dos poemas produzidos, dentre os alunos reunidos e fazerem um vídeo, mesclando música, imagens, silêncio e texto.

Editados, organizados e já com algumas correções, os vídeos foram apresentados em um momento específico para a turma que apreciou, emitiu diversos comentários e analisou criticamente toda a obra produzida, passando pela qualidade e a adequação das imagens e das músicas, principalmente.

4 Onde emana a verdade

Depois de alguns procedimentos, durante a execução do trabalho, houve em momentos específicos, por parte dos alunos, as seguintes indagações: “professor, aonde você quer chegar? Tem-se de produzir um texto? Se for poesia...?”. E sempre numa postura respeitosa, de pouco embate, com respostas pontuais e preenchimentos de lacunas com ações, seguia-se o planejamento.

É óbvio que ao fim do trajeto existiram alunos que produziram textos com melhor ou pior qualidade, mas podem-se verificar figuras de linguagem, intertextualidade, conotação, interdiscursividade, dentre outros aspectos peculiares de bons escritores de nossa literatura nos trabalhos elaborados pelos discentes.

Para justificar a afirmação acima, alguns fragmentos dos textos criados foram selecionados, o primeiro deles é o seguinte:

Liberdade é algo errado?
Se for, não quero estar certa
Eu não quero ter razão
Eu quero acreditar no amor

E é isso que eu penso
Irei cair, mas crescerei
E para mim
Isso é preciso
É vago
É pleno... (ALUNO 1)

O fragmento em questão foi retirado do poema produzido por um dos alunos e escolhido para a execução do projeto; o seu título é “Crescerei”. Nele percebe-se uma construção baseada em um questionamento que traz os versos seguintes, já introduzidos por uma condicional, mediando as ações, expondo convicções, somas de posicionamentos e contradições. Tudo regrado a uma linguagem metafórica, ambígua, comparativa e reflexiva.

Com um tom não tão diferente, pode-se analisar o fragmento de outro aluno:

(...)
Artigo 3:
Decreta-se
que a mentira não reinará mais sobre nós.

Artigo 4:
Fica decretado
que o andar do homem irá sempre em direção ao futuro
com a presença de possibilidades mais justas.

Artigo 5:
Fica decretado
que todos nós somos iguais em direito...
e que nada...
nem ninguém...
Poderá mudar isso. (ALUNO 2)

Esse produz focando as seguintes vertentes em seus versos: procura aproveitar o arcabouço do poema de Thiago de Mello, trazendo no cerne uma linguagem que prestigia os valores e o direito à igualdade, à justiça e à liberdade que deveriam fazer parte do cotidiano de cada cidadão, numa construção curta, consistente, objetiva, com versos livres.

E por fim, fecham-se os exemplos citando um fragmento de contestação, feito por um aluno que se recusara a fazer o texto e o vídeo, até o limite do prazo, e o elabora literalmente no último instante:

Está reservado a todos
o direito de fazer de seu corpo seu templo,
e enfeitá-lo como quiser,
seja com tinta, argolas ou panos.

Está reservado a todos
o direito de andar na calçada despreocupado
Com os olhares críticos que criam uma opinião instantânea
do que observam, mas desconhecem.

Está reservado a todos
o direito de provar das incertezas sobre o futuro
E calmamente caminhar
contra a pressão que nos é imposta. (ALUNO 3)

Além de uma produção de contestação, em que o eu lírico quer desfrutar de uma liberdade plena, usufruindo de seu corpo e de sua vida a bel prazer, houve uma repetição do mesmo verso nas três estrofes, o que caracteriza a presença de uma figura de sintaxe ou construção denominada de anáfora e um jogo de palavras bem estruturado, pautado no livre arbítrio e no desejo de se mostrar com suas especificidades.

O fato é que houve uma discussão geral em que estiveram em pauta as produções e chegou-se a conclusão de que havia riqueza de símbolos e alegorias, muito similares a escrita de notáveis e consagrados autores e que ler e escrever fazem parte da essência e do cotidiano; no entanto, estímulo, treinamento, esforço e dedicação podem contribuir muito e ser o distintivo em relação à qualidade e à aceitabilidade de uns em detrimento de outros.

5 Considerações finais

Dentre todos os pontos positivos relacionados ao trabalho executado, é ímpar mencionar que os alunos produziram textos com qualidade, prazer e interação. Além de escrever, reescreveram, discutiram, debateram sobre a apropriação e adequação de músicas, imagens, versos, estrofes e rimas; e ainda desenvolveram os aspectos de socialização e o próprio trabalho com as novas mídias, bem como suas nuances e metodologias específicas.

Houve ainda uma desmistificação de que outros assuntos mais técnicos e não literários, como a própria Constituição Federal, também possam fazer parte do cotidiano de uma sala de aula, com abordagens ligadas à literatura; portanto, mais sutis, leves e persuasivas, com reflexões e nuances diversificadas; isso também foi instigante, relevante e motivador

A comprovação de que a utilização de outras vias e de que a inserção de recursos e estratégias variados pode estimular e propiciar a criação de escritas mais interessantes e próximas ao cotidiano dos discentes foi uma constatação muito considerada e validada para as próximas ações envolvendo educação leitura e produção textual.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Questões de Literatura e de Estética: A teoria do Romance*, tradução: diversos. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1988.

BRASIL. Constituição (1998). *Artigo nº 5*. Vade Mecum, Saraiva. São Paulo, 19. ed, p. 6, jan/jun. 2015.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, Contexto, 2007.

LÉVY, P. *O que é virtual*. Rio de Janeiro: 34, 1996.

_____. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: 34, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MELLO, Thiago de. *Os Estatutos do Homem*. Disponível em: < <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/03/estatutos-do-homem-indignação-do-poeta-contr-o-arbitrio-tambem-completa-50-anos-6390.html>. > Acesso em: 7 de junho de 2015.

MOISÉS, Leyla Perrone. *Fernando Pessoa – Aquém do Eu, Além do Outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. O silêncio. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2012.